

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

FABRÍCIO LEAL NOVAES

**CIRCULAÇÃO E USOS DOS TÊXTEIS IMPORTADOS NO CONGO E ANGOLA
(SÉCULOS XVII E XVIII)**

Recife - PE

2019

Fabrcio Leal Novaes

**CIRCULAÇÃO E USOS DOS TÊXTEIS IMPORTADOS NO CONGO E ANGOLA
(SÉCULOS XVII E XVIII)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do curso de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para aprovação na disciplina de TCC II.

Orientador: Gustavo Acioli Lopes.

Recife - PE

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

N935c Novaes, Fabrício Leal
Circulação e usos dos têxteis importados no Congo e Angola
(Séculos XVII e XVIII) / Fabrício Leal Novaes. – 2019.
24 f.

Orientadora: Gustavo Acioli Lopes.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de
História, Recife, BR-PE, 2019.
Inclui referências e anexo(s).

1. Indústria têxtil - Congo - História - Séc. XVII- XVIII
2. Indústria têxtil - Angola - História - Séc. XVII- XVIII
3. Escravidão - Aspectos econômicos
4. Tecidos - Comercialização
5. Tecidos - Aspectos culturais

I. Lopes, Gustavo Acioli, orient.
II. Título

CDD 981.34

Fabrcio Leal Novaes

Circulaçao e usos dos txeis importados no Congo e Angola (Sculos XVII e XVIII)

Trabalho de Conclusao de Curso apresentado ao Departamento do curso de Histria da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para aprovao na disciplina de TCC II.

Recife, ____ de julho de 2019

Banca Examinadora

Orientador Prof. Dr. Gustavo Acioli Lopes
DeHist - UFRPE

Prof. Dr. Bruno Romero Ferreira Miranda
DeHist - UFRPE

Prof.^a Dr.^a Maria Emília Vasconcelos dos Santos
DeHist - UFRPE

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Gustavo Acioli Lopes, meu orientador, sem o qual este trabalho não teria sido possível. Agradeço também aos professores Maria Emília e Bruno Miranda, por terem se disposto a participar da banca de avaliação e pelas excelentes contribuições. Agradeço ainda a minha família pelo apoio desde sempre e aos meus colegas de graduação, em especial Juliane Monteiro, Vitória Trindade e João Mariano, pois sem eles, ter concluído o curso seria muito mais difícil.

Apresentação

O presente Trabalho de Conclusão de Curso trata-se de um artigo científico elaborado de acordo com as normas de publicação da *Revista Cantareira* da UFF. O artigo discute as formas de utilização dos tecidos importados entre os centro-africanos, sobretudo da região Congo-Angola, que chegavam até a África devido ao crescente comércio de escravizados realizado ali entre os séculos XVII e XVIII.

O artigo apresenta os principais resultados alcançados por meio da pesquisa, descrevendo de forma sintética, na introdução, a importância deste estudo no campo da História da África, bem como, as negociações comerciais estabelecidas entre África e Europa, que permitiram a chegada de tecidos de várias partes do mundo ali. Em seguida, são descritas algumas informações sobre as fontes e metodologias empregadas. Foram criados ainda subtítulos para abordar separadamente os principais usos dos tecidos importados pelos centro-africanos, a saber: a utilização dos têxteis como moeda, em seguida no contexto das celebrações religiosas e como forma de distinção social e por último na ocasião dos velórios no Congo e Angola. Ao final, foram feitas algumas considerações acerca da importância destes tecidos.

Circulação e usos dos têxteis importados no Congo e Angola (Séculos XVII e XVIII)

Fabício Leal Novaes¹

Resumo

O presente artigo pretende discutir o uso dos têxteis importados entre os centro-africanos do Congo e Angola, relacionado ao comércio escravista, haja vista que os tecidos eram um dos principais produtos utilizados para se adquirir escravizados neste território, circulando por toda parte. Para além do uso como moeda para a compra dos mais variados produtos, o artigo pretende contemplar a utilização destes têxteis em ritos e cerimônias religiosas e fúnebres, notando os simbolismos e significados que se constituíram em torno destes entre os nativos do Congo e Angola. Mostrando que esses têxteis se tornaram objetos de grande apreciação na cultura centro-africana no período do tráfico transatlântico de escravos.

Palavras-chave: Tecidos importados, escravismo e cultura.

Abstract

The present article intends to discuss the use of imported textiles among Western Central Africans Congo and Angola, related to the slave trade, since fabrics were one of the main products used to acquire slaves in those territories, circulating everywhere. Besides the use as currency for purchasing sundry products, the article focus on contemplate the use of these textiles in rites and ceremonies, highlighting the symbolisms and meanings that have been constituted around the imported textiles goods among the natives of Congo and Angola. We conclude that textiles gathered high cultural value in Western Central Africans cultures have become objects of great appreciation in Central African cultures in the era of the Transatlantic Slave Trade.

Keywords: Imported textiles, slavery and culture.

Introdução

O presente trabalho busca trazer uma nova visão sobre um assunto com contribuições significativas apresentadas pela historiografia da escravidão e do comércio escravista, pois aqui o foco não é o negro enquanto mercadoria, mas a moeda usada para a compra dessa “mercadoria”, levando a reflexões de como a vestimenta europeia e os têxteis asiáticos adentraram e foram assimilados na África e em que medida foram utilizados até nas camadas

¹ Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: fabricioleal2011@gmail.com.

mais baixas das sociedades africanas, discutindo como esses bens se integraram à cultura Africana no Congo e Angola.

Para entender como estes têxteis importados chegavam à África, é necessário compreender como se estabeleceram as relações comerciais entre este continente e a Europa. Portugal e Espanha foram as primeiras potências expansionistas europeias a se dirigirem à África e, conforme aponta Hebert Klein, tal avanço se deu inicialmente em 1415, quando Portugal conquistou a cidade de Ceuta, localizada no norte do continente africano. Isso se deu numa época de também expansão dos Turcos Otomanos e do Islã, que auxiliaram berberes e árabes na reconquista desses territórios; no entanto, o pouco tempo que os europeus dominaram essas terras foi suficiente para estabelecerem contatos com as rotas de caravanas do Saara e seus utilizadores subsaarianos.²

Pouco depois embarcações portuguesas fizeram avanços pioneiros pelo Atlântico Sul. As mesmas trouxeram à tona, por sua vez, a África Ocidental como rota alternativa de comércio, e ainda no século XV estabeleceram ali contatos, feitorias e fortalezas para administrar o comércio naquela área.

Desde então as sociedades africanas da costa Atlântica tiveram sua organização social alterada. Conforme aponta o historiador Joseph Miller, tais áreas não eram muito populosas, havia muitas savanas e vales, além de rios, que foram fundamentais no comércio de escravizados conduzidos por meio de canoas. As condições naturais da região faziam com que essas pessoas se concentrassem em diferentes áreas dispersas. Tais populações se dedicavam a atividades como pesca, criação de gado e agricultura sazonal, tendo participação cada vez mais ativa na comercialização de escravos a partir do contato com os portugueses³. Knight cita também que na África Centro-Ocidental havia artesãos que se dedicavam, por exemplo, à metalurgia e a fabricação de objetos em couro, fomentando o fluxo de bens ali⁴.

A crescente comercialização de escravos promovida, sobretudo, por portugueses, fez com que os africanos passassem a se refugiar em locais bastante insalubres, sendo essa população de refugiados constantemente atacada por incursões, que atuavam na escravização e tráfico de homens e mulheres nesses locais.

Esses povos locais foram fundamentais na sobrevivência dos agentes coloniais, pois os mesmos se responsabilizavam pelos serviços que mais exigiam esforço físico e tinham

²KLEIN, Hebert S. *O Comércio Atlântico de Escravos: Quatro séculos de Comércio Esclavagista*. Lisboa: Editora Repliação, 2002, p. 50.

³MILLER, Joseph C. *Way of Death*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1988, p. 7.

⁴KNIGHT, Frederick. *Working the Diaspora: The Impact of African Labor on the Anglo-American World, 1650-1850*. New York: New York University Press, 2010, p. 35.

condições físicas para suportar o clima e intempéries do local; referindo-se especificamente a Benguela, que é tema de pesquisas de Mariana Candido, lá a administração colonial se utilizou bastante dos chamados “filhos da terra”, descendentes de mulheres nativas com portugueses; aqueles partilhavam das duas culturas e eram considerados brancos e portugueses, ainda que de pele escura, haja vista a importância dos mesmos na conexão entre esses povos, atuando como tradutores e comerciantes, conseguindo estabelecer bases comerciais, inclusive no Atlântico⁵.

Candido coloca que a administração colonial também fez uso do serviço de degredados, que em geral serviram na cobrança de impostos, na patrulha do porto e no ataque a sobas que resistiam à expansão portuguesa. Por fim, um outro grupo que esteve presente na administração colonial de Benguela foram os “brasileiros”, que, segundo a autora, além de serem mais resistentes às doenças locais, possuíam mentalidade escravista baseada no que já conheciam no Brasil⁶. Enfim, o comércio atlântico de escravos que existiu na África Centro Ocidental envolvia diversos agentes, cada um com suas particularidades, a depender dos locais nos quais atuavam.

Metodologia e fontes

A pesquisa se debruçou em torno do estudo de fontes produzidas, em sua maioria, por europeus - religiosos, comerciantes, militares – que visitaram as regiões do Congo e Angola no período de interesse. A utilização de fontes africanas se tornou difícil devido à tradição oral que predominava na região no período estudado. Apesar disso, conforme aponta Maria Cristina Wissenbach: “Embora as narrativas sejam passíveis de crítica, tal como qualquer outro tipo de fonte, os ‘viajantes’ começam a ganhar historicidade e contornos definidos, relacionados ora à época, ora aos contextos específicos que confluem em suas obras”; a mesma autora afirma também como são diferentes as visões do missionário, mercador, soldado, entre outras, visões essas construídas a partir de seus intentos, tempo de permanência e envolvimento com as populações locais⁷. A variedade de fontes permitiu cruzar informações presentes nos relatos dos diversos tipos de viajantes que estiveram no Congo e Angola neste

⁵CANDIDO, Mariana P., *An African Slaving Port and the Atlantic World: Benguela and its Hinterland*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 83

⁶ Ibid.

⁷ WISSENBACH, Maria C. Ares e azares da aventura ultramarina: matéria médica, saberes endógenos e transmissão nos circuitos luso-afro-brasileiros. In: ALGRANTI, Leila Mezan; MEGIANI, Ana Paula Torres. (Org.). *O Império por escrito: Formas de transmissão da cultura letrada no mundo ibérico (séculos XVI-XVIII)*. São Paulo: Editora Alameda, 2009. p. 378.

período, notando que, apesar da diversidade de perspectivas, ao tratar de objetos têxteis, os cronistas fazem relatos semelhantes acerca das serventias destes entre os centro-africanos.

A documentação aqui utilizada está presente nos trabalhos dos mais diversos historiadores sobre a região do Congo e Angola. A primeira fonte estudada foi a *Descrição Histórica dos Três Reinos do Congo, Matamba e Angola*, escrita pelo padre italiano João (ou Giovanni) António Cavazzi, entre os anos de 1669 e 1671. Cavazzi descreveu minuciosamente as cerimônias, ritos e manifestações artísticas tradicionais africanas, trazendo detalhes, inclusive, sobre o vestuário dos envolvidos em tais ocasiões. De acordo com Ingrid de Oliveira, a escrita de tal obra se deu por solicitação da Sagrada Congregação da Propaganda Fide – Instituição Papal responsável pelas missões no ultramar. Cavazzi chegou a Luanda em 11 de novembro de 1654 e logo foi encaminhado a Massangano, um vila no interior; ele integrou a Missão Capuchinha de Matamba. Depois de circular por várias partes dessa região em missão, retornou em 1669 à Itália. E a partir desse ano Cavazzi deu início às pesquisas para escrita de sua obra⁸. Leite de Faria na introdução da publicação do livro em português, destaca que a primeira fonte de informações foi a observação pessoal do próprio autor; além disso, Cavazzi também fez uso dos relatos de outros religiosos com os quais manteve contato durante a missão; cartas ou relações de missionários que o mesmo pôde analisar em Luanda, Roma e nos conventos capuchinhos e, por último, obras impressas de outros cronistas que já existiam sobre o Congo e Angola⁹.

O texto de Oliveira fornece uma citação com parte do trajeto que Cavazzi percorreu de acordo com sua narrativa:

Esteve em Muxima, em Massangano, em Cambambe, em Maupungo, capital do reino do Dongo, onde se deteve mais de um ano, de meados de 1655 a fins de setembro de 1656, na Ambaca, em Haco, no Libolo, (...), em Matamba, aonde chegou por vez primeira em fins de 1658 e aonde várias vezes voltou, tendo aí assistido à morte de rainha Jinga, em fins de 1663, e finalmente em Ganguela (...). Em meados de 1664, retirou-se doente para Luanda, donde fez, entre 1664 e 1666, uma rápida viagem ao Sonho, no Congo, e onde continuou até embarcar para a Europa¹⁰.

A obra de Cavazzi foi publicada em 1687, após a morte do autor, e alcançou grande sucesso, sendo traduzida e publicada em diversos países da Europa.

⁸OLIVEIRA, Ingrid Silva de. Cavazzi e Cadornega: entre semelhanças e diferenças na escrita da história da África Centro-Ocidental (século XVII). In: *ANAIS do XIV Encontro Regional da ANPUH-RIO: Memória e Patrimônio*. Rio de Janeiro: 2010, p. 419-420.

⁹FARIA, Francisco Leite de. Introdução. In: *CAVAZZI DE MONTECÚCCOLO, Pe. Giovanni Antonio. Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965, p. 23.

¹⁰OLIVEIRA, op. cit., p. 421.

O relato de outro capuchinho também foi utilizado: *A viagem ao Congo, and several other countries chiefly in Southern-Africa* de Girolamo Merolla, que além de narrar detalhes da sua viagem missionária, fala de costumes e hábitos dos centro-africanos que foram bastante úteis à pesquisa.

Não se pode esquecer que os relatos produzidos pelos religiosos tinham como intuito divulgar os esforços empregados na cristianização desses povos, enaltecendo os sucessos obtidos e produzindo nos jovens desejo de atuar nas missões. Adriano Prosperi afirma que: “As fontes missionárias não foram concebidas como descrição asséptica de realidades remotas: cada página dos relatos dos missionários encontra-se repleta de desejos, das esperanças e das ações praticadas para modificar as sociedades descritas”. Entretanto, Prosperi segue afirmando que não se pode negar que nesses relatos há riqueza de informações etnográficas sobre os povos entre os quais atuaram os missionários, visto que era necessário saber no que eles diferiam culturalmente, para que se pudesse torná-los iguais aos europeus.¹¹

Os relatos revelam a curiosidade dos missionários acerca dos modos de pensar e viver dos povos com os quais tiveram contato. Embora a finalidade prática desse detalhamento fosse também a de circular conhecimento do local e população para tornar mais eficaz o trabalho religioso ali, tais descrições foram extremamente importantes para a escrita deste trabalho, assim como em diversos outros. Prosperi compara a escrita destes missionários com os trabalhos científicos modernos realizados por antropólogos e etnógrafos¹².

Outra fonte utilizada neste trabalho foi a *Monumenta Missionária Africana (MMA)*, que reúne arquivos dos mais variados tipos e produzidos por diferentes indivíduos sobre a África, coligidos pelo Padre Antonio Brásio.

Outros viajantes que circularam pela região do Congo e Angola, e produziram relatos, foram militares. Para esta pesquisa foram utilizadas as obras de dois: a *História Geral das Guerras Angolanas*, do militar e burocrata português António de Oliveira de Cadornega e a *História de Angolado* militar, natural do Rio de Janeiro, Elias Alexandre da Silva Corrêa.

Cadornega nasceu no ano de 1610, em Vila Viçosa, Portugal, e partiu para a África por conta da inquisição devido a sua origem judaica, chegando a Luanda no ano de 1639. Lá exerceu funções de soldado, capitão e na administração pública. Quanto à produção de sua obra, Beatrix Heintze coloca que:

Entre 1680 e 1681, Cadornega completou os três volumes que hoje existem sobre a História de Angola. A partir de 1688, trabalhou na escrita de um

¹¹PROSPERI, Adriano. *Tribunais da Consciência: Inquisidores, Confessores, Missionários*. São Paulo: EdUSP, 2013, p. 582.

¹²Ibid, p. 582.

novo volume de sua História de Angola, a *História de todas as cousas que sucederam em Angola no tempo dos governadores que governaram depois da guerra até D. João de Lencastro*, que não chegou até nós. Terá falecido em Angola, em idade avançada, provavelmente no ano de 1690.¹³

Para escrita de sua obra, Cadornega contou com documentação local, principalmente cartas, mas também ouviu relatos de diversas pessoas que poderiam lhe prestar informações sobre a história de Angola, como missionários, militares e comerciantes africanos. Assim como Cavazzi, fez uso de obras impressas já existentes, não apenas as que se restringiam a África, mas até mesmo sobre a América, talvez por dispor de informações escassas sobre a guerra que pretendia narrar, tal como aponta Silva¹⁴.

A *História Geral das Guerras Angolanas* preocupa-se muito em registrar a memória das ações portuguesas na região de Angola. Cadornega registra os diversos conflitos e dificuldades enfrentadas pelos portugueses, destacando os confrontos com as autoridades locais e o momento da invasão holandesa em Luanda. O cronista buscou descrever o início da ocupação portuguesa de Angola, porém, não tem precisão nessas informações. Longe de ser um relato apenas das guerras, o autor fala do território, de seus habitantes, da atuação dos missionários e de outros detalhes da administração portuguesa ali. Kleber Silva afirma ainda que o autor estava “Ocupado em justificar a conquista e expansão da fé naquela porção da África, tema central à *Hestoria*, Cadornega exalta a violência e crueldade que ‘disciplina’ os ‘idólatras’”¹⁵.

Quanto a obra de Elias Corrêa, Ingrid Oliveira afirma que o cronista utilizou para sua escrita documentos nos arquivos de Angola e memórias impressas portuguesas e estrangeiras. A autora mostra, também, que, assim como Cadornega, Elias Corrêa escreveu sua obra por iniciativa própria, descrevendo com minúcia seu trabalho em Angola e a dedicou também ao monarca português, o que revela a preocupação dos mesmos em obterem mercês¹⁶. Como afirma Kleber Silva “para os cortesãos, escrever história naquela hora era via para novos favores e graças; para a coroa, convinha fazer-se ouvir na operação historiante, de modo à conformá-la com perfeição aos planos da monarquia”¹⁷. Tal obra contém descrição de portos,

¹³HEINTZE Beatrix. *Angola nos séculos XVI e XVII: estudos sobre fontes, métodos e história*. Luanda: Kilombelombe, 2007, p. 138.

¹⁴SILVA, Kleber Clementino da. *Política e historiografia nas narrativas lusocastelhanas seiscentistas da guerra holandesa no Atlântico Sul*. Tese de Doutorado (Doutorado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2016, p. 225.

¹⁵Ibid, p. 224.

¹⁶OLIVEIRA, Ingrid Silva de. As “histórias” de Angola e seus autores nos séculos XVII e XVIII: um estudo de caso dos militares Antonio de Cadornega e Elias Alexandre Correa. In: *ANAIS do XV Encontro Regional da ANPUH-RIO: Ofício do Historiador: Ensino e Pesquisa*. Rio de Janeiro: 2012, p. 6-8.

¹⁷SILVA, op. cit., p. 227.

jurisdições e fortificações angolanas, trazendo informações também sobre a economia, vida religiosa e militar durante o século XVIII.

Foi feita leitura cuidadosa de cada uma das fontes buscando extrair informações sobre a circulação dos têxteis importados entre os centro-africanos, destacando o contexto nos quais as peças apareciam, qual o tipo e quem as portava. Foi possível estabelecer ligações entre o que cada cronista trazia sobre esses tecidos. Por fim, foi fundamental para análise das fontes e escrita do artigo a leitura de vários historiadores e pesquisadores que são referência na temática. Nas linhas que se seguem, foram destacadas as principais formas de usos desses tecidos importados, de acordo com as fontes.

A comercialização dos têxteis importados e seu uso enquanto objeto moeda

O comércio de tecidos na África já é bem antigo. Robert DuPlessis, ao escrever sobre a África Ocidental, afirma que ali, desde a Idade Média, já circulavam têxteis importados, por meio de rotas terrestres que vinham do norte do continente. Na idade Moderna, os têxteis passam a figurar como mercadorias globais, comerciadas por todo o mundo e em volume considerável, e quando chegaram à África Ocidental adentraram numa cultura material vibrante consolidada há bastante tempo¹⁸. É importante considerar também a magnitude dos mercados na África Ocidental; Knight aponta que esses mercados formavam nós que unificavam toda a região, que além de permitir circulação de mercadorias permitia a circulação de ideias e bens culturais, sendo os têxteis importados ótimos representantes destes últimos¹⁹.

Uma movimentação comercial mais intensa de têxteis na África se dá no final do século XV e é promovida por agentes privados. Portugal se estabeleceu em Marrocos e na região costeira da África Ocidental por volta de 1480, implantando uma série de postos comerciais em locais estratégicos, estrutura que foi de suma importância para a estabilidade econômica e prestígio dessa monarquia, sobretudo por fornecer ouro, escravos e produtos florestais. Os portugueses utilizaram uma série de bens comerciais para assegurar o comércio que realizavam com a África Ocidental; os navios que se dirigiam às feitorias levavam muitas mercadorias, porém, as que mais se destacavam eram o cobre e os tecidos. Segundo documentos estudados pelo historiador John Vogt, os portugueses introduziram na conexão

¹⁸DUPLESSIS, Robert. Mercadorias globais, consumidores locais: têxteis no mundo atlântico nos séculos XVII e XVIII. *Afro-Ásia*, Salvador, v. 41, 2010, p. 42.

¹⁹KNIGHT, op. cit., p. 25.

Marrocos–África Ocidental, pelo menos, 102 tipos de têxteis, sendo a maioria de origem externa a Portugal e seu império. Entre as principais regiões fornecedoras de tecido para o comércio português com a África estavam Flandres e Antuérpia, além da Inglaterra e fornecedores na própria África de vestimentas muçulmanas. Já os tecidos mais negociados por Portugal na costa africana eram lençóis, tecidos de lã, chamados panos de Holanda e o Cânhamo, tecido áspero produzido a partir de árvore de mesmo nome; Vogt cita ainda os nomes de diversos outros. Com a crescente demanda por tecidos na África, a coroa portuguesa foi obrigada a enviar agentes especiais para procurar tecidos europeus populares, realizando a compra de tecidos nos locais mais diversos e vantajosos.²⁰

Este grande comércio de tecidos importados na África Ocidental se dá pelo crescente comércio de escravizados, haja vista que os panos eram a principal mercadoria trocada por escravos na maior parte dos mercados africanos. “O tecido funcionava como uma forma de moeda útil para todos, relativamente durável, facilmente subdividida em pequenas unidades e que poderia ser transportada para atender às necessidades de negociantes longínquos”²¹. E ainda, Telma Santos, traz que:

Os tecidos, enquanto objeto-moeda, espalharam-se pelas comunidades africanas agrícolas, pesqueiras, extrativistas, pelos soldados a serviço da Coroa e demais agentes da governação, passando a ser apropriados e ressignificados na cultura material destas comunidades.²²

Braudel também discute os diferentes tipos de moedas utilizados no comércio de escravizados na África, sobre os tecidos importados da Índia, em específico a Chita, o mesmo destaca que: “fala-se de uma ‘peça da Índia’, no tráfico negreiro, para designar a quantidade de chitas que representa o preço de um homem, depois o próprio homem. A ‘peça da Índia’, é o mesmo que um escravo entre 15 e 40 anos, dirão logo os entendidos.”²³

Outra autora que comenta a diversidade de moedas na África é Marion Johnson; para ela, a questão da aceitabilidade dos tecidos como moeda se dá pela sua utilidade para as populações africanas.²⁴ Entre estas utilidades, Kriger destaca que os tecidos poderiam sair de

²⁰VOGT, John. Notes on the Portuguese Cloth Trade in West Africa, 1480-1540. *The International Journal of African Historical Studies*, Boston, v. 8, 1975, p. 625.

²¹ SILVA, Luciane da. *Trilhas e tramas: Percursos insuspeitos dos tecidos industrializados do continente africano A experiência da África oriental*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Antropologia Social). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008, p. 57.

²² SANTOS, Telma Gonçalves. *Comércio de tecidos europeus e asiáticos na África centro-ocidental: fraudes e contrabandos no terceiro quartel do século XVIII*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História). Lisboa: Universidade de Lisboa, 2014, p. 12.

²³ BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, v. 2, p. 404.

²⁴JOHNSON, Marion. Cloth as Money: the Cloth Strip Currencies of Africa. *Textile History*, v. 11, 1980, p. 193.

circulação como moedas para serem utilizados pelos artesãos para confecção de bens de luxo, tais como roupas²⁵.

No comércio de escravizados, os tecidos importados integravam os banzos, pacotes de mercadorias utilizados nas negociações de escravizados, e incentivaram o surgimento dos agentes do tráfico, que nas palavras de Santos, seriam “qualquer um que, em Luanda, se disponibilizasse adentrar no sertão para resgatar a população cativa.”²⁶

Os tecidos se fizeram presentes ainda nas relações clientelistas, de modo que grandes senhores no poder destas peças, poderiam oferecê-las em troca dos serviços e lealdade de outras pessoas que viviam no seu entorno, é o que aponta Knight. O mesmo autor fala ainda que para manutenção destas redes de clientelismo, estes senhores tiveram que promover o comércio de escravizados para a obtenção dos tecidos.²⁷

Há de se destacar também o papel das mulheres nesse comércio de pessoas escravizadas, conforme a mesma autora:

Para tanto, o papel das mulheres africanas, tomadas por esposas de comerciantes portugueses do Brasil, luso-africanos ou mesmo portugueses reinóis fora fundamental para a tessitura das redes de conexão com o interior. Em razão, sobretudo dos seus laços parentais radicados em zonas interioranas, estas mulheres eram intérpretes de culturas distintas, introduzindo seus filhos mestiços na amálgama cultural na qual a costa ocidental africana transformara-se no período moderno europeu.²⁸

As mulheres também atuavam nas feiras. Elias Corrêa relata que quitadeiras vendiam mavatas, que “De fazendas estrangeiras, são no paiz de Angola retalhos de 2 covados e meio, 3, ou 5. Os negros Congos, os Sonhos, os Mossues, e os de Encôge, depois de as possuir a troco de captivos as vem vender a esta Capital, por Gerbirita, Sal, peixe, missangas...”²⁹

Ainda sobre as feiras pode-se ler o seguinte no documento “História da Residência dos Padres da Companhia de Jesus em Angola, e Cousas Tocantes ao Reino, e Conquista”, de 1594:

São [os comerciantes angolanos] muito inclinados a feiras, e para comprarem barato, e venderem caro, tem tantas manhas que nenhuma nação lhes faz ventagem. Dinheiro de metal não corre entre elles, tudo hé comutação, dando huma cousa por outra. Em algumas feiras comprão mantimentos por capões, em outras por pedras de sal. Os portugueses comprão as cousas meudas por empondas, que são terças de palmilha [palmeira]. Nas feiras comprão peças [escravos] por panos de preço, por

²⁵ KRIGER, Colleen. *Making Money: Life, Death, and Early Modern Trade on Africa's Guinea Coast*. Athens: Ohio University Press, 2017, p. 9-35.

²⁶ SANTOS, op. cit., p. 28.

²⁷ KNIGHT, op. cit., p. 28.

²⁸ Ibid, p. 29.

²⁹ CORRÊA, Elias Alexandre da Silva. *História de Angola*. Lisboa, 1937, v.1, p. 160.

tafetá, damasco, veludo, alcatifas, margarideta, vinho e outras mercadorias de Portugal e da Índia.³⁰

Ao discutir a questão das feiras, de modo geral, Braudel ressalta que “esse mercado elementar onde se vende, sobretudo, ‘sem intermediários’, é a forma mais direta, mais transparente de troca, a mais bem vigiada, protegida contra embustes”, pois na expressão utilizada pelo autor seria o “comércio de mão na mão, olhos nos olhos”, baseado na troca imediata³¹. Isabel Castro Henriques e João Medina também discorrem sobre as feiras:

As feiras utilizadas pelos agentes do comércio afro-português eram feiras africanas, integradas nas redes comerciais internas, cada vez mais marcadas pela presença destes agentes. As feiras que irrigavam o interior africano de mercadorias europeias, estavam instaladas nas principais estradas do comércio africano entre os rios Dande e Kwanza, em locais onde convergiam os múltiplos caminhos que ligavam regiões distantes do interior.³²

Em se tratando dos portos, Miller explica que estes eram abastecidos de escravos para vendas de diversas maneiras; os europeus promoviam guerras para que mais africanos se tornassem cativos e com o aumento cada vez maior da demanda por mão-de-obra escrava, o processo de captura de africanos se interiorizou mais e mais em relação aos portos. Esses tecidos sustentaram toda a estrutura do tráfico de escravos; mesmo aqueles que atuavam nos sertões recebiam tecidos para a compra de mantimentos e sua manutenção no interior.³³

Nas palavras de Isabel Castro Henriques e João Medina:

O século XVIII caracteriza-se pelo recrutamento de escravos em novas regiões, o que aumenta de maneira sensível a intervenção, direta ou indirecta dos negreiros, e permite verificar que a distribuição da geografia política angolana se foi construindo e soldando graças à intervenção do tráfico negreiro.³⁴

As fontes utilizadas na pesquisa, que são do século XVIII, são reveladoras justamente desse processo de maior interiorização da busca de escravos, e conseqüentemente da dispersão dos têxteis importados nessas partes longínquas. Elias Côrrea fala do comércio nos sertões angolanos, destacando a figura do aviado, que saía sertões adentro munido de tecidos importados com a missão de adquirir escravos. O cronista fala ainda que estes aviados, por vezes, se aproveitavam da liberdade de estarem nos sertões para fazer uso dos têxteis que

³⁰ BRÁSIO, António. *Monumenta Missionária Africana*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1954, p. 560.

³¹ BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, v.2, p. 15.

³² HENRIQUES, Isabel; MEDINA, João. *A Rota dos Escravos: Angola e a rede do comércio negreiro*. Lisboa: Cegia, p. 141.

³³ MILLER, J. C. A África Central durante a era do comércio de escravizados, de 1490-1850. In: HEYWOOD, Linda H. *Diáspora negra no Brasil* (Org.). São Paulo: Contexto, 2009. p. 72.

³⁴ HENRIQUES, Isabel; MEDINA, João, op. cit., p. 125.

deveria comercializar e faziam isso porque a posse desses objetos de luxo garantiam status social a quem os detinha³⁵, e é justamente sobre isso que versará o tópico seguinte.

Demonstração de riqueza e dimensão religiosa do uso dos têxteis

Através dos dados coletados foi possível considerar que a utilização de panos importados na África Centro-ocidental se deu em diversos contextos. No continente africano, desde muito tempo, os tecidos foram objetos apropriados e reapropriados com significações diversas pelas diferentes sociedades que ali viviam; foram e ainda são formas de linguagem para comunicação e transmissão de diversas informações. As vestimentas feitas de tecidos importados eram usadas como símbolo de distinção social. Leiris e Delange são enfáticos ao falar que para esses povos, bem como em outras culturas, o prestígio deveria se expressar materialmente, a riqueza só teria sentido em razão dos tesouros possuídos.³⁶ Enquanto a maioria dos nativos de segmento populares utilizavam apenas tangas de pano local e outros muitos se vestiam com roupas feitas de cascas e folhas de árvores da região, os senhores, duques, reis e pessoas ricas em geral se apresentavam com roupas de tecidos refinados, em geral frutos da importação para comércio de escravos. Conforme aponta o relato de Cavazzi: “As riquezas que os senhores ostentam consistem em panos europeus (...)”³⁷, o que é confirmado pela análise de Vansina, que menciona essa aquisição de tecidos estrangeiros como forma da nobreza se distinguir socialmente.³⁸ Conforme aponta Robert DuPlessis, tais têxteis foram importados da Ásia e Europa em grande quantidade para a África Ocidental e Américas, e compuseram a vestimenta de pessoas de diversos estratos sociais, sobretudo na Américas, pois mesmo os escravos usavam roupas de tecidos importados nas missas e em datas especiais.³⁹

Tanto na **Monumenta Missionária Africana**, quanto na obra de Cavazzi, podem-se encontrar referências ao luxo nas vestimentas de reis do Congo. No documento “Relação do Bispo do Congo a El-Rei” de 1619, são citadas túnicas turcas chamadas *cabaias*, cintos grossos chamados *empondas*, fatos, barretes, mantas de escarlata, tabardos de veludo ou damasco, que eram uma espécie de casaco com mangas e capuz, meias de seda e peças de

³⁵ CORRÊA, Elias Alexandre da Silva, op. cit., p. 31.

³⁶ LEIRIS, Michel; DELANGE, Jacqueline. *África Negra: La Creación Plástica*. Madrid: Aguilar, 1967, p. 325-360.

³⁷ CAVAZZI DE MONTECÚCCOLO, Pe. Giovanni Antonio. *Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965, p. 159.

³⁸ VANSINA, Jan. O Reino do Congo e seus vizinhos. In: OGOT, Bethwell A. *História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII* (Ed.). Brasília: UNESCO, 2010, p. 659-660.

³⁹ DUPLESSIS, op. cit., p. 49.

roupa cumpridas, que os reis utilizavam.⁴⁰ Já Cavazzi, em sua, **Descrição Histórica dos Três Reinos do Congo, Matamba e Angola**, faz longa descrição das vestimentas, não só dos reis, mas também da nobreza que o cercava, destacando que aos príncipes e grandes do reino era permitido o uso de barretes e tabardos – espécie de casaco –, considerado um privilégio, visto que tais roupas também eram utilizadas pelo rei⁴¹. Girolamo Merolla também fez essa observação, citando o caso de um príncipe que utilizava uma manta escarlate na celebração da Festa de São Tiago Maior, padroeiro do Congo e de certos nobres que podiam utilizar capas de seda.⁴² O Conde do Sonho também recebeu a atenção de Girolamo Merolla, que afirmou que o mesmo, ao se apresentar na igreja, portava uma manta branca, uma coberta de tafetá, um chapéu de seda e uma cadeira de veludo. O cronista segue destacando que o Conde do Sonho vestia uma manta escarlate e um pano rosa nos dias de festa, trocando-os nos dias mais solenes por camisa de linho, meias de seda amarela ou carmesim e manto de seda florida.⁴³

A documentação também permitiu descrever o luxo com que se vestiam os reis do Congo nas suas saídas em público, bem como alguns daqueles que o acompanhavam. “*A Relação do Bispo do Congo a El-Rei*”, apresenta um relato da ida de D. Álvaro III à igreja acompanhando de grande comitiva⁴⁴, mas é em Cavazzi que se encontra uma descrição mais detalhada: nessas ocasiões, o rei era acompanhado por escudeiros de sangue nobre, que portavam bastões cobertos de veludo vermelho; fazia parte também um pajem portando o guarda-sol de damasco carmesim. O rei portava ainda almofadas de veludo que lhe serviriam para se colocar de joelhos na igreja⁴⁵, sendo que, segundo Merolla, os nobres portavam tapetes com essa mesma função.⁴⁶

O mesmo se dava em Angola, em seu relato, Cadornega aponta que reis, príncipes e senhores daquele reino utilizavam ricos panos de seda e ouro adotados, sobretudo, após a entrada dos portugueses na região.⁴⁷

O documento “Descrição da Batalha de Ambuíla”, constante na MMA, do ano de 1665, fala dos despojos deixados pelo rei do Congo Antonio I: havia tecidos de grande valor

⁴⁰ BRÁSIO, António. *Monumenta Missionária Africana*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1954, p. 377.

⁴¹ CAVAZZI DE MONTECÚCCOLO, op.cit., p. 167

⁴² MEROLLA, Girolamo. *A Voyage to Congo and several other countries chiefly in Southern-Africk*. Londres: Henry Lintot and John Osborn, 1744,p. 628.

⁴³ Ibid, p. 631.

⁴⁴BRÁSIO, op.cit., 1954, p. 377.

⁴⁵ CAVAZZI DE MONTECÚCCOLO, op. cit., p. 228.

⁴⁶MEROLLA, op. cit., p. 632.

⁴⁷ CADORNEGA, Antonio de Oliveira de. *História Geral das Guerras Angolanas*. Lisboa: Agência-geral do Ultramar, 1972, v. 3, p. 230.

chamados *bondos*, *cumbes*, *borcados*, além de telas, damasco e veludo, todos tecidos importados, mostrando que os têxteis compunham parte do tesouro dos reis africanos.⁴⁸

Em um dos trechos de seu relato, Cavazzi diz o seguinte:

O rei do Congo (...) veste com decoro e magnificência. Está bem abastecido, quer em qualidade, quer em quantidade, de fatos, pérolas e de jóias e costuma mudar frequentemente as alfaias (...). Cobre a cabeça com um barrete branco, matizado com arabescos e flores de seda, à maneira dos mouros, e usa sobre o barrete um chapéu preto, rodeado por rica e preciosa coroa real. Veste uma camisa e sobre os ombros tem uma manta de escarlate ou outro pano nobre, rendado a ouro e a prata. Ata aos lombos uma peça de roupa mais comprida por trás, à maneira de cauda, riquíssima e lindíssima. Usa calçados brancos com botões de ouro ou alguma gema preciosa. Usa meias de seda e tem nas pernas, no pescoço e nos braços argolas e colares de corais ou de pérolas com correntinhas de ouro, muito bonitas e de grande valor. Pendente do pescoço tem também uma cruz com muitas relíquias, como sinais da fé professada.⁴⁹

A cruz citada no relato acima foi um dos elementos mais fortes e importantes na penetração do cristianismo no Congo. Marina de Mello e Souza ressalta que a cruz já possuía um significado para os congoleses, indicando as relações entre o mundo natural e o sobrenatural, sendo que, quando os habitantes do Congo adotaram a cruz católica, estavam expressando suas crenças tradicionais e levando os portugueses a acreditarem que os mesmos estavam abraçando integralmente a fé cristã⁵⁰.

Como duas das principais fontes do trabalho foram escritas e coletadas por padres, nota-se uma preocupação dos mesmos em destacar o trabalho missionário realizado em Angola, Congo e nos reinos vizinhos, o que forneceu a descrição do uso de tecidos importados tanto como adorno de igrejas católicas quanto em rituais de religiões locais. Os vários exemplos que encontrados nos relatos dos cronistas, mostram como estas peças foram vigorosamente integradas à cultura africana.

A cultura do vestir, aliás, também foi fortemente marcada pelo cristianismo no Congo; a exemplo disso, Fromont, através da análise de pinturas da época, tece comentários sobre o conde de Soyo, que utilizava para além de panos luxuosos e importados, um casaco com insígnias da Ordem de Cristo, que a autora coloca como sendo derivados de uma imagem europeia de nobreza e prestígio. Ainda segundo a autora, essas práticas artísticas e insígnias políticas funcionavam como espaços de correlação através dos quais os homens e as mulheres de maior prestígio no Congo reformulavam materiais locais e estrangeiros, ideias antigas e

⁴⁸BRÁSIO, op .cit, 1981, p. 579.

⁴⁹CAVAZZI DE MONTECÚCCOLO, op. cit., p. 166-167.

⁵⁰ SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 60.

novas de luxo e emblemas de poder nas expressões visuais e simbólicas de status no Congo cristão⁵¹.

Através da análise de uma imagem do rei Garcia II, Fromont fez algumas observações acerca da apropriação de objetos europeus e seu uso junto aos de origem africana. A autora aponta que na representação desse rei é possível notar o cetro, a coroa e o trono, característicos da Europa, objetos que foram apropriados para demonstração de poder e domínio exercido por este rei. Fromont destaca no decorrer de toda sua obra como tais imagens são reveladoras no que concerne à mistura dos objetos rituais e símbolos cristãos aos emblemas, práticas e imagens africanas⁵².

No seu relato, Girolamo Merolla (p. 619) também destaca que o Conde do Sonho deu de presente um trono de Veludo para o nobre Simatamba, que tentava se tornar rei do Congo e havia se casado com sua irmã⁵³.

Linda Heywood e John Thornton (2009, p. 90), comentaram que o Rei Alvaro I e seu filho Alvaro II, tentaram aproximar seu reino das monarquias europeias, adotando inclusive títulos europeus como duque, conde e marquês. Além disso, desejavam ser tratados com a mesma cortesia e cerimônia com a qual se tratavam os reis europeus⁵⁴.

Alguns documentos coletados por Brásio mencionam a conversão de africanos. O documento “Carta do Padre Manuel Ribeiro Sobre a Missão de 1672-1673”, de 1674, fala da conversão da rainha Jinga em meados do século XVII, que logo recebeu de presente uma *veronica*, pano de seda com a imagem de Cristo estampada⁵⁵. Já o documento “Carta do Padre Jerônimo Vogado ao Geral”, de 1620, também coletado por Brásio (1955, p. 512), relata a utilização de panos de veludo na armação de uma Igreja Católica em Benguela⁵⁶.

Na obra de Cadornega se encontra ainda um relato que trata das celebrações da quaresma em Angola, alguns dos participantes das procissões se vestiam com peças de tafetás roxas e brancas⁵⁷.

A utilização de panos importados, porém, não se restringia apenas a cultos católicos. O documento “Carta do Padre Pedro Tavares ao Reitor do Colégio de Luanda”, de 1631,

⁵¹ FROMONT, Cécile. *The Art of Conversion: Christian Visual Culture in the Kingdom of Kongo*. Williamsburg: Omohundro Institute of Early American History and Culture, 2014, p. 104.

⁵² Ibid, p. 107.

⁵³ MEROLLA, op. cit., p. 619.

⁵⁴ HEYWOOD, Linda M; THORNTON, John K. Kongo and Dahomey, 1660-1815. In: BAILY, Bernard; DENAULT, Patricia L. *Soundings in Atlantic History : Latent Structures and Intellectual Currents, 1500-1830*. Cambridge: Harvard University Press, 2009, p 90.

⁵⁵ BRÁSIO, op . cit., 1982, p. 248.

⁵⁶ Ibid, p. 512.

⁵⁷ CADORNEGA, op. cit., p. 17.

relata a utilização de um fino pano de seda usado em ídolo num culto dos gentios em Luanda.

Segundo o relato:

De repente dêmos num grande terreiro muito limpo, no meio do qual estauaõ quatro tangedores festejando hú Ídolo que tinhaõ no chaõ, posto sobre hú fino pano de seda, cÕhús chocalhos e huã campainha; estariaõ por entaõ no terreiro cousa de mil gentios, todos estirados e untados pelo rosto e corpo com varias castas de eruas, que pareciaõ diabos, pedindo agoa ao idolo⁵⁸.

Cavazzi também narrou algumas ocasiões nas quais presenciou culto de gentis com uso de panos importados: numa delas os panos foram usados para aplacar a fúria de um demônio que estaria causando a peste no Congo em 1655⁵⁹. Mais adiante, Cavazzi relata também o uso de panos europeus em sacrifícios praticados pelos Jagas, em homenagem a seus príncipes, capitães e senhores⁶⁰. Cadornega, comenta sobre a imponência no vestir do líder jaga, conhecido como Casange: “veste mui ricos pannos de tellas e sedas”⁶¹.

Os tecidos já possuíam destaque nas sociedades congolosas e entre os Bantos de forma geral, mas foi a partir desse contato mais intenso com os europeus que o vestir ganhou ainda mais importância, sobretudo entre as classes abastadas, servindo principalmente à finalidade de distinção social. E mesmo após a morte, estes tecidos importados podiam falar sobre a condição social dos indivíduos, tal como será abordado a seguir.

A presença dos têxteis importados nos velórios

Existe na cosmovisão africana acerca da morte, a crença na imortalidade do homem, tal como aponta Eduardo de Oliveira, o que leva os ritos funerários a terem grande importância entre estes povos. Vê-se na morte um rito de passagem do indivíduo para o mundo dos ancestrais, entretanto sua força vital retorna para a comunidade⁶². Era comum se oferecer objetos de valor aos mortos nos velórios; aí se encontravam tecidos importados.

Nas fontes estudadas são descritos os ritos funerários nas regiões do Congo e Angola; as peculiaridades destes momentos não escaparam ao olhar dos cronistas.

A Descrição Histórica dos Três Reinos do Congo, Matamba e Angola, de Cavazzi, detalha uma série de vestimentas que se utilizavam para demonstrar o luto e de tecidos importados que eram utilizados para adornar túmulos e caixões. Tal costume nasce a partir do

⁵⁸ BRÁSIO, op . cit, 1960, p. 74

⁵⁹ CAVAZZI DE MONTECÚCCOLO, op . cit, p. 117.

⁶⁰ Ibid, p. 194.

⁶¹ CADORNEGA, op. cit., p. 215.

⁶² OLIVEIRA, Eduardo. Cosmovisão Africana no Brasil: Elementos para uma filosofia afrodescendente. Fortaleza: Publicação Ibeca, 2003, p. 56.

momento em que alguns crucifixos passaram a representar um Cristo envolto em têxteis; as pessoas de prestígio, do mesmo modo passaram a adquirir tecidos de luxo nos quais seriam envoltas no momento de sua morte; não só isso, mas os próprios crucifixos passaram a ser envoltos em tecidos também. Segundo Cavazzi: “Os pobres cobriam os caixões com esteiras da região, que não são más. Os ricos, porém, cobrem-no com um pano preto”, ainda de acordo com o mesmo autor, tal era a importância de se colocar panos sobre os caixões, que aqueles mais pobres se viam obrigados a pedi-los como esmolas⁶³. Esse fato é analisado por Phyllis M. Martin, que afirma que aqueles que pediam esses têxteis ficavam em dívida com quem os dava, sendo uma forma por meio da qual muitos senhores reforçavam sua autoridade⁶⁴.

Segundo Cavazzi: “Morrendo o rei ou outra pessoa qualificada, os membros da corte vestem luxuosamente o cadáver com panos europeus (...) Além disso, os sucessores tomam providências para que o sepulcro seja adornado com panos novos nos dias de aniversários”⁶⁵. Cavazzi narra ainda que entre aqueles que ainda não haviam experimentado a fé católica, havia o costume de se enterrar tecidos europeus junto dos falecidos, haja vista que estes eram mais apreciados que os locais; isso se fazia como uma forma de demonstrar dor por aquela perda⁶⁶. Partindo para a descrição das vestimentas dos participantes destas ocasiões, Cavazzi, coloca que havia um barrete de luto, utilizado pelo rei do Congo para que os súditos lhe prestassem condolências, quando este perdia algum ente. As mulheres de Luanda e São Salvador (capital do Congo) também usavam barretes pretos. Até mesmo as escravas de portuguesas que viviam em Luanda e São Salvador do Congo, se vestiam com capuchos rijos, mostrando, segundo o autor, o interesse em aprender boas maneiras⁶⁷. Elias Corrêa ao tratar das vestimentas femininas faz colocações semelhantes as de Cavazzi, tal como se pode ler: “Os vestidos das mulheres são tallares a Mulsumana. Os de luto são à Benedictina. As q. se honrão do alcinho de brancas, remédão as Europeanas em quanto ao trage; más o descostume, negligencia, e grosseria lhes diminue o sabor com q. cingem os seus panos”. O cronista também fala dos brancos, fuscos e molatos que se vestiam segundo um estilo cristianizado em oposição às entangas utilizadas pelos negros⁶⁸.

⁶³ CAVAZZI DE MONTECÚCCOLO, op. cit., p. 124.

⁶⁴ MARTIN, Phyllis M. Power, Cloth and Currency on the Loango Coast. *African Economic History*, Bloomington, v. 15, 1986, p. 6.

⁶⁵ CAVAZZI DE MONTECÚCCOLO, op. cit., p. 124.

⁶⁶ Ibid., p. 125.

⁶⁷ Ibid., p. 131.

⁶⁸ CORRÊA. op. cit., p. 82.

Voltando à questão dos velórios, no documento “Descrição da Batalha de Ambuíla” de 1665, acima citado, foi caracterizada a urna na qual foi sepultada a cabeça de Antonio I, rei do Congo, que era forrada de veludo carmesim e guarnecida de renda de ouro⁶⁹.

A obra de Cadornega também faz breve menção à utilização de panos de sedas para envolver os líderes jagas em seus sepultamentos⁷⁰.

Os tecidos desempenham importantes papéis na vida cotidiana das populações africanas pela possibilidade de simbolizar a ordem social e estarem associados a ações e comunicações que dinamizam relações rituais, de gênero, políticas, entre outras. Tornaram-se assim elementos fundantes para os estudos culturais, dada sua universalidade e mobilidade, circulando pelas culturas e servindo como veículo de transmissão de ideias e mensagens sociais.

Algumas considerações

Para concluir o artigo, é importante que se façam algumas considerações em torno dos dados obtidos e estudos realizados. É perceptível que os tecidos importados aparecem em maior número entre as figuras reais, mas também entre os nobres e seus servidores. Eles estavam presentes nas idas dos reis às Igrejas, na decoração de seus objetos e nos seus velórios e túmulos. Mas os grandes senhores da África Centro-Ocidental também ostentavam tecidos entre suas riquezas; a importância desses têxteis foi tamanha nessa região, que eram procurados até mesmo para sepultarem juntos dos mortos, como forma de demonstrar pesar pelos falecidos. É curioso notar também que mesmo mulheres na condição de escravas se apropriavam desses tecidos importados, como foi relatado acima.

Os têxteis também contam a história da África Pré-colonial, dada sua importância e seus usos por esses povos no período. Igualmente, se constituíram em elementos essenciais para a construção das identidades africanas.

Luciane da Silva (2008, p.1), explica que as identidades das diferentes sociedades são elaboradas a partir do ideal que expressa o desejo de se tornar diferente em relação ao outro. A autora coloca que uma das formas de se fazer isso é através das manifestações estéticas. No ato de se vestir, se expressam diretamente estágios da vida, ocupação, *status* social, diferenciação sexual. Em suma, a vestimenta é expressão da diferença, delimitando os

⁶⁹ BRASIO, op. cit., p. 580.

⁷⁰ CADORNEGA, op. cit., p. 224.

domínios em que determinados grupos se encaixam, são ou estão⁷¹. Sobre o conceito de identidade, pode se dizer que:

Longe de constituírem-se em realidades unificadas, seguras e coerentes, as identidades são celebrações móveis formadas e transformadas continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.⁷²

Na realidade do uso dos têxteis na África, as roupas dos indivíduos se constituem em teias de relações e tensões sociais e políticas. São diversos os signos e emblemas ligados à forma de se vestir entre os africanos, o tipo de roupa ou estampa, por exemplo, podem expressar mensagens específicas que podem ser compreendidas na coletividade. O poder desses objetos têxteis reside justamente nessa capacidade de expressar uma linguagem cotidiana e se associar às estruturas sociais.

Foi elemento fundante na construção da identidade negra, as trocas culturais que se deram por meio do Atlântico; essas permitiram experiências de desenraizamento, deslocamento e criação cultural. E os tecidos importados passaram a constituir importantes marcas de identidade no continente.

⁷¹ SILVA, op. cit., p. 1.

⁷² Ibid, p. 1.

ANEXO
NORMAS DE PUBLICAÇÃO DA REVISTA

- 1 - Os textos deverão apresentar-se em MS Word para Windows, formato doc e deverão ser enviados para o endereço revistacantareirauff@gmail.com;
- 2 - Quanto à formatação: letra Times New Roman tamanho 12, alinhamento justificado, espaço 1,5 entre linhas e página A4, com margens de 2,5 cm;
- 3 - Os textos deverão ser redigidos somente em português;
- 4 - Título em fonte 12, na primeira linha, centralizado, em negrito;
- 5 - Os subtítulos e subdivisões devem vir apenas em negrito, não numerados, com recuo de parágrafo, com letra Times New Roman corpo 12;
- 6 - A identificação do(s) autor(es) deverá vir na segunda linha após o título, alinhado à direita, com letras maiúsculas apenas nas iniciais e, em nota de rodapé, sua titulação acadêmica, filiação institucional e e-mail. Artigos em coautoria devem respeitar o número máximo de três autores (Regimento aprovado em dez. 2017);
- 7 - Citações com mais de três linhas: 4 cm na margem esquerda, fonte 11, espaçamento simples, sem espaço entre os parágrafos e sem aspas. As citações com menos de três linhas deverão ser incorporadas aos parágrafos;
- 8 - O texto não deve apresentar bibliografia final, portanto, as notas bibliográficas com citações completas deverão constar no rodapé. As notas de rodapé devem ser numeradas e estar de acordo com normas ABNT (fonte 10, alinhamento justificado, espaçamento simples), completas na primeira citação, conforme exemplos abaixo: Para livro: a) nome do autor, b) título do livro, c) local de publicação, d) editora, e) ano, f) número da(s) página(s). Ex: FAUSTO, Bóris. História do Brasil. São Paulo: Edusp, 1994, p. 15; Para artigo: a) nome do autor, b) título do artigo, c) nome do periódico (em itálico), d) volume e/ou número do periódico, e) local de publicação, f) ano, g) número da(s) página(s). Ex: SOIHET, Rachel. O drama na conquista na festa: reflexões sobre resistência indígena e circularidade cultural, Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n.º 9, 1992, p. 44-59
- 9 - Os textos podem ser acompanhados de imagens (reduzidas ao mínimo), em formato JPG e com resolução de 300 dpi, enviadas em arquivos separados do texto. As imagens e tabelas devem ter seus títulos incorporados, com menção de suas fontes e referências;

10 - É de obrigação dos autores a revisão gramatical e a adequação das contribuições às normas para publicação da revista;

11 - Caberá aos autores a responsabilidade sobre a originalidade do material apresentado para publicação;

12 - Uma vez publicados os trabalhos, a Revista CANTAREIRA se reserva todos os direitos autorais, permitindo, entretanto, a sua posterior reprodução, com a devida citação da fonte. O autor cujo trabalho foi aprovado para publicação deverá aguardar 12 (DOZE) meses, a partir da data do aceite final, para realizar nova submissão. Não é permitida a avaliação simultânea de mais de um artigo por autor.

Para artigos: - Os artigos devem ter de 10 até de 16 laudas. Todo artigo deverá estar acompanhado de um resumo e três palavras-chave em português e inglês. O resumo em português deve vir três linhas abaixo do nome do autor com alinhamento justificado, com 10 linhas no máximo e espaçamento simples, seguido de três palavras-chave. Uma linha após, deve vir o abstract e keywords.